

VIVIAN CRISTIANY DE OLIVEIRA SOARES

**HISTÓRIAS E SUPERSTIÇÕES:
narrativas e experiências de transformações
da cultura popular de Catalão (GO)**

INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
2006

VIVIAN CRISTIANY DE OLIVEIRA SOARES

**HISTÓRIAS E SUPERSTIÇÕES:
narrativas e experiências de transformações
da cultura popular de Catalão (GO)**

Dissertação apresentada ao curso de
Pós-graduação em História do
Instituto de História da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito
para obtenção do grau de Mestre em
História.

Orientador: Newton Dângelo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
2006

Dissertação submetida à comissão examinadora designada para avaliação como requisito para a obtenção do grau de mestre em História.

Uberlândia, de outubro de 2006

BANCA EXAMINADORA:

Professor doutor *Newton Dângelo* (orientador)

Professora doutora Maria Clara Tomaz Machado
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Professora doutora Cléria Botelho
Universidade de Brasília (UNB)

*À minha grande
recompensa: meu filho
Gabriel — que passou a
fazer parte da minha vida em
meio à pesquisa,
tumulando, bagunçando,
me enlouquecendo... mas
valeu a pena!*

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, que em sua bondade permitiu que esta pesquisa fosse concluída.

À família que construí em pleno curso de mestrado — meu marido, Carlos Alberto, pela força, pelo auxílio e pela dedicação ao nosso filhote, Gabriel.

Às minhas irmãs, Ana Maria Rachel e Kamila, e aos meus pais, Maria e Euclides.

Ao meu orientador, Newton Dângelo, pela dedicação e compreensão das minhas dificuldades pessoais em realizar pesquisa.

A Luciene Lehmkuhl e Maria Clara, pela atenção, pelas orientações e pela paciência em compreender minhas dificuldades.

Aos professores Ismar e Márcia, por me incentivarem a tentar ingressar no mestrado. À grande amiga de estrada e irmã Keides: nas idas e vindas de Catalão para Uberlândia/Uberlândia para Catalão, nos fortalecemos e nos conhecemos cada vez mais, o que me fez admirá-la tanto.

Ao Edinan, pela gentileza e dedicação na preparação/revisão do texto e tradução do resumo.

RESUMO

Este trabalho propõe considerar as superstições pelo viés das transformações sociais e culturais e como parte essencial do ser humano, por fazerem parte da cultura que o expressa. Nele, problematizamos a transformação das superstições na sociedade moderna, com base na fala de sujeitos que saíram da zona rural para residir na cidade de Catalão (GO). Buscamos identificar a leitura que fazem das superstições, o passado vivido na zona rural, calcado na oralidade e nas crenças populares, e, assim, saber que releituras das superstições a cultura popular passou a ter. Na fala dos sujeitos, percebemos concepções de passado — zona rural, atraso — e de presente — cidade, modernidade — que nos levaram a repensar esses espaços como diferenciados e complementares.

Palavras-chave: transformações sociais e culturais, zona rural, cidade, oralidade.

ABSTRACT

This work aims at considering superstitions both in the context social, cultural changes and as an essential part of human being, since it makes part of culture. We search to discuss the transformations of superstition in the modern society based on the oral accounts of people who moved from countryside to the city of Catalão, State of Goiás. We has tried to identify how these people consider superstitions now and understand their rural past, marked by oral tradition and popular beliefs, and so to know how popular culture rereads superstitions in the present. In these individual's speech, we have noted some conceptions of past — countryside/hindrance — and present — city/progress — which led us to rethink of theses spaces as different and complimentary.

Key words: social, cultural changes, countryside, city, oral tradition.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1	
CATALÃO, ONTEM E HOJE: MANDONISMO LOCAL, VIOLÊNCIA E DESENVOLVIMENTO URBANO	17
1.1 Catalão pela ótica dos memorialistas: discursos de uma elite	22
1.2 Tentativas de modificar Catalão: decretos da prefeitura	31
1.3 O moderno e o ultrapassado: medidas de implementação do ideal de civilização através de periódicos	35
Capítulo 2	
CRENÇAS, VALORES E COSTUMES: ENFOQUE ATRAVÉS DAS SUPERSTIÇÕES	45
2.1 Superstições — no novo, surge o velho: continuidades na sociedade catalana atual e modernizada	45
2.2 Histórias de assombrações	58
2.3 Simpatias e outras superstições cotidianas	69
Capítulo 3	
SUPERSTIÇÕES: PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA E DA ORALIDADE — PASSADO E PRESENTE REVISITADOS	80
3.1 O campo e a cidade, o atraso e o progresso: releituras dos entrevistados sobre passado e presente	89
Considerações finais	102
Referências	105

Introdução

*Na lua cheia, lobisomem, cara feia
Mete medo na aldeia
Suga sangue de pagão.
De madrugada, pai-da-mata dá
risada,
Gente vê alma penada, isprito pagando
o cão.¹*

*[...] as gerações sucessivas já não
se colocam em posição de
aprendizes umas das outras.²*

A HISTORIOGRAFIA MAIS recente considera os sujeitos históricos como construtores de sua cultura e dos sentidos atribuídos a suas produções, que brotam de idéias, práticas, valores e costumes vinculados aos sentidos identitários construídos socialmente. Dentre essas produções, as representações³ culturais ligadas às superstições populares, remanescentes de décadas passadas em meio à zona rural, suscitaram questionamentos quanto a suas possíveis transformações na sociedade moderna. Nesse sentido, para esta pesquisa, o primeiro passo foi definir quais superstições seriam propostas à pesquisa tendo em vista suas origens, transformações e readaptações.

De início, propunha-se uma análise de histórias de assombração advindas da zona rural: suas variações e a sobrevivência na atualidade, com ênfase nas adaptações e releituras feitas pelos sujeitos históricos. Como as fontes bibliográficas seriam insuficientes para concretizarmos a pesquisa — faltava a presença da experiência vivenciada —, recorreremos a fontes orais: dona Jeronima, seu Rosário, seu José Quintino, dona Mariana, dona Zica, seu Clemente Rosa, dona Alda, dona Aparecida, dona Elvira e dona Nirce, cujos relatos ampliaram os horizontes da pesquisa ao nos levarem a considerar, também, as superstições, simpatias, benzeções e outras práticas cotidianas calcadas no modo de vida da zona rural. Com base nas fontes orais, as superstições estariam relacionadas com histórias extraordinárias, proteção contra males espirituais e físicos através de simpatias, benzeções e ingredientes tais como ervas,

¹ TREM DE MINAS. Côco violado, birola. In: *Cantos gerais*. Araguari: Digital Solutions.

² THOMPSON, E. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22.

³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002, p. 67.

ramos, chás, garrafadas, assim como as rezas — cuja força para torná-los eficazes são a crença e a fé. O uso de simpatias se associa a elementos sobrenaturais que atuam sobre a esfera da realidade e proporcionam proteção, auxílio, castigo e cura.

As fontes orais⁴ foram selecionadas segundo estes critérios: pessoas comuns⁵ não detentoras de poder hegemônico, que construíram um modo peculiar de ser, agir e pensar ante sua sociedade em meio à zona rural e atualmente residentes da cidade de Catalão (GO), a fim de problematizar o embate entre distintos modos de vida e suas diferentes experiências entre campo e cidade, e assim estabelecer um diálogo que propicie o encontro de concepções cujo problema central são as transformações e releituras das superstições.

Assim, propõe-se analisar a cultura de sujeitos históricos que se vêem noutra dinâmica cultural ao deixarem o lugar onde tinham um modo de vida — a zona rural — para suprir suas necessidades⁶ e satisfazer seus anseios na cidade — vista como local de realização e *progresso*⁷ — surgidos cotidianamente das transformações sociais e culturais que exigem e propiciam mudanças e novidades. As memórias, os sentimentos, os saberes, os valores, os costumes, as transformações e as permanências que circundam essas questões serão analisados aqui pela lente dos mistérios, dos medos, das histórias, dos ritos e das crenças que permeavam o cotidiano de pessoas que faziam desse conjunto de práticas culturais elementos essenciais à sobrevivência individual e coletiva. Portanto, trataremos aqui de homens e mulheres que, no exercício de suas atividades cotidianas e extraordinárias, exprimiam o modo de ser, pensar e agir de sua sociedade, construída segundo suas necessidades culturais e existenciais.

A transição dos sujeitos da zona rural para a cidade permite levantar questões que circundam tal mudança, nas quais as motivações, os desejos, os anseios e as necessidades surgem e são sentidos como essenciais à sobrevivência humana, a partir de uma situação específica — a ascensão do discurso do progresso — retratada pelos entrevistados e pelas fontes escritas: memorialistas, jornais e atas da prefeitura de

⁴ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto história/cultura e representação*, São Paulo, Educ, 1997; _____. A filosofia e os fatos. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dossiê Teoria e Metodologia, dez./1996, p. 59–72.

⁵ MACHADO, Maria Clara T. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950–1985)*. 1998. Tese (doutorado em História) — Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁶ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito*. 7ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987. O conceito de necessidade parte de Candido ao se referir à sobrevivência humana, na qual novas necessidades supridas se transformam em hábitos e fazem surgir outras formas de necessidade. A necessidade trazendo mudanças. Pp. 67

⁷ BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. (Org). *Cultura brasileira — tema e situações*. São Paulo: Ática, 1992.

Catalão. O espaço sugerido foi Catalão, por causa da repercussão, retratada no discurso local, das disputas políticas que perpetuavam o discurso progressista e demonstravam seus sinais através da política do governo de Juscelino Kubitschek, da construção da BR-050 e das mineradoras. Instaurado por partidos políticos locais, pela política de Kubitschek e pelas transformações sociais e culturais, o discurso do progresso dividiu a cidade em dois tempos: o antes e o depois da década de 1950, ápice do discurso progressista. Essas mudanças não ocorreram em curto prazo, mas sim em constantes modificações, e os discursos progressistas foram pronunciados e difundidos nacionalmente por se tratar de um movimento não local, que permitiu a modificação e a releitura de idéias, costumes e valores pela sociedade.



FIGURA 1 – Situada geograficamente na região Centro-Oeste, no início do Planalto Central Goiano, na microrregião do sudeste goiano, na divisa com o estado de Minas Gerais, Catalão tem atualmente quase 70 mil habitantes, e sua maior fonte de renda continua a ser as empresas mineradoras.

Fonte⁸

⁸ Wikipedia ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A3o_\(Goi%C3%A1s\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A3o_(Goi%C3%A1s)))

As transformações e o discurso progressistas se estabelecem de cima para baixo, por intermédio das elites catalanas, que projetam a imagem de cidade que caminhava para o progresso e onde o novo se expressava nas mudanças na feição física da cidade: abertura de ruas; construção de escolas populares, hospitais e indústrias; instalação de energia elétrica. Tais mudanças propiciavam outro modo de vida à população, que passou a considerar a cidade satisfatória em relação à zona rural onde viviam. O modo de vida rural passou a ser questionado e negado, adquirindo o estigma de atraso social e intelectual, e as pessoas que ainda residiam na zona rural ou rumaram para a cidade — os “roceiros” — ansiavam compartilhar uma nova condição de vida, permeada pelos elementos que a modernidade pudesse propiciar. O discurso da modernidade construiu a aparência de uma sociedade em constantes transformações — todas voltadas a melhores condições de vida para toda a sociedade, e isso se fez questionável.

O problema central da pesquisa partiu da constatação de sobrevivência e releitura das superstições — abrangendo um modo de vida rural — em meio ao discurso progressista no espaço urbano de Catalão. O discurso progressista, instaurado aos poucos na sociedade catalana, iniciou-se em meados de 1916,⁹ como apontam os memorialistas locais, por meio da construção da via férrea, e teve seu ápice em meados da década de 1950, e continuou com os experimentos e as invenções da atualidade em diversas áreas ininterruptamente modificáveis pela ação do tempo.¹⁰

Devemos esclarecer que não fizemos um recorte temporal porque a pesquisa se apóia em relatos orais. Como estes são fluidos e amparados pela memória das pessoas, ao se lembrarem diante do entrevistador, elas não seguem uma linha temporal de raciocínio, e sim o fluir das lembranças.¹¹ Com base nas fontes levantadas, é possível compreender as imagens e os imaginários construídos em outro lugar, o que acarretou a mudança de várias pessoas da zona rural para a cidade em busca de um desejo, um

⁹ A construção da ferrovia Estrada de Ferro de Goiás “foi interdita durante quatro anos devido um acontecimento ocorrido durante o comando do Coronel Isaac da Cunha sob Catalão quando o prestígio político era avaliado pela valentia dos coronéis e jagunços. A amásia do comandante do destacamento policial foi molestada e assassinada por um ferroviário que passando diante de sua janela proferiu palavras ofensivas a mulher e esta revidando com outras ofensas foi alvo de tiros em plena rua. O coronel, tomando as dores do amigo comandante, mandou a polícia buscar o ferroviário e os colegas resistiram a sua prisão havendo tiroteio no qual um soldado foi morto. O coronel e o comandante deixaram os ânimos acalmarem e planejaram a vingança colocando pilhas de dormentes sobre a linha de ferro e aguardaram entrincheirados à margem esperando a passagem do trem. Quando a locomotiva parou, todos os ferroviários foram alvejados sem tempo para reação. Estes acontecimentos se deram no dia 5 de fevereiro de 1916 atrasando a construção da linha férrea” (RAMOS, Cornélio. Matança dos ferroviários. In: _____. *Catalão: poesias, lendas e histórias*. Catalão: edição do autor, 1997, p. 79.

¹⁰ RAMOS, 1997, p. 18–21.

¹¹ SEIXAS, Jacy A. Os espaços (in) elásticos da memória — memória voluntária e memória involuntária. In: _____. *Razão e paixão na política*. Brasília. ed. da UNB, 2001.

sonho ou uma necessidade a se realizar, referendados por um ideal construído socialmente, que, no discurso, solucionaria os problemas do modo de vida delas. A cidade imaginada é o espaço da concretização do sonho de melhores condições de subsistência, pois sobreviver na zona rural se fazia difícil, e o êxodo rural sugeria que outras formas de vida poderiam ser alcançadas no espaço urbano: educação para os filhos, trabalho menos árduo e mais remunerativo, invenção de bens domésticos: televisão, rádio, geladeira — citados várias vezes pelos entrevistados como de proporcionar lazer e conforto, que demandaram novas necessidades.

No entrelaçamento dos relatos orais com outras fontes, como obras de memorialistas locais, jornais e atas, observa-se um conflito estabelecido entre o ideal progressista inserido não apenas em discursos, mas também em aspectos físicos, psíquicos e morais na relutância à sobrevivência de modos de vida rurais. A cultura calcada na zona rural como forma de expressão dos sujeitos históricos que nela se amparam como seu modo de vida se valeu de recursos próprios para garantir sua continuidade e uma releitura diante das modificações socioculturais e de outras formas culturais; mas, isso não se deu sem conflitos com o novo ideal de sociedade e da própria modificação cultural dos sujeitos campestres.¹² Essa resistência foi abordada por Thompson ao tratar dos costumes populares ante as transformações na Europa relativas à modernização da sociedade nos séculos XVIII e XIX, sobretudo a modificação dos traços característicos da cultura plebéia ligadas às culturas tradicionais.

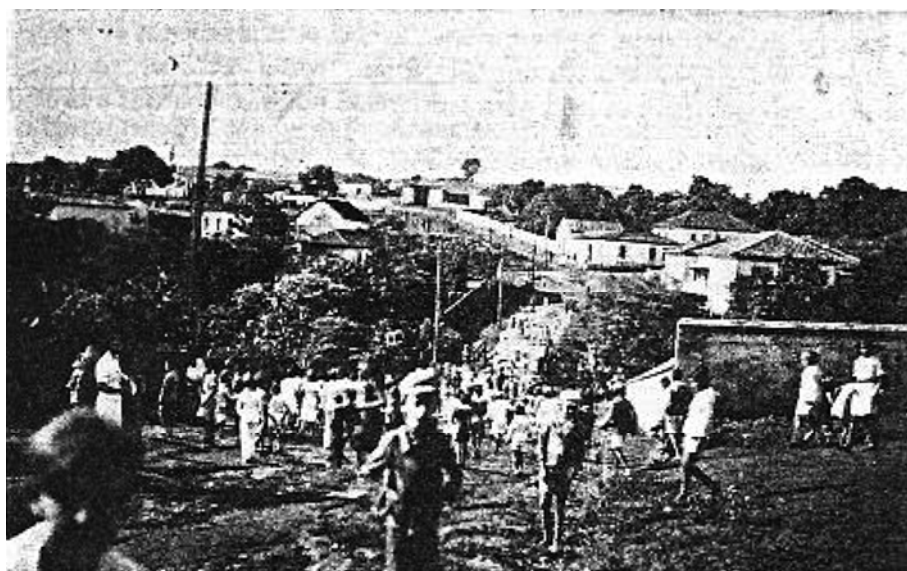


FIGURA 2 – Saída do Grupo Escolar 29 de Outubro, em 1929
Fonte¹³

¹² THOMPSON, 1998, p. 18.

¹³ CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão: estudo histórico e geográfico*. 11ª ed. Goiânia: Bandeirantes, 1976.

A este trabalho não coube só analisar as ambigüidades entre campo e cidade pelo viés das superstições e transformações a que estão suscetíveis; também coube considerar o diálogo que se estabelece entre esses dois espaços, observando como os sujeitos absorveram elementos de ambas as partes para suprir suas necessidades. Além disso, cabe à pesquisa — como descreveu Ginzburg¹⁴ ao teorizar os métodos empregados pelos historiadores para chegar a suas conclusões — estar atenta às minúcias, aos pequenos sinais e indícios que as fontes de pesquisa deixam pelo caminho, propiciando ao pesquisador o entendimento de como os sujeitos históricos se inter-relacionam.

Essa tarefa não foi pacífica. As dificuldades para conduzir a pesquisa se manifestaram em várias e diferentes situações, seja nas questões teórico-metodológicas, seja na adaptação do ser historiador a um novo passo a ser dado diante de seus temores, seus anseios e suas frustrações. Lidar com a subjetividade em meio a uma sociedade que imagina lidar só com a objetividade foi o grande impasse e o grande passo a ser dado. Relembrar e narrar práticas supersticiosas do passado foi um grande esforço para homens e mulheres temerosos de tal rememoração; assim como o foi entender esse temor e usá-lo em favor da pesquisa. Para a maioria dos entrevistados, não foi fácil relembrar momentos passados em meio à zona rural, cujo ato de voltar no tempo, através da memória,¹⁵ significou reviver situações tristes — dificuldades financeiras, miséria, falecimento de entes querido como pais, mães e avós, ou o oposto disso: situações de grande alegria, amigos, “traições”,¹⁶ não mais vivenciadas no momento presente.¹⁷ Na entrevistas pode se observar o quanto e como foi conflituosa essa temática, justamente por lidar com o campo da contradição embasada no enfoque emocional, ou pelo fato de estarem os entrevistados lidando com lembranças de lugares e tempos distintos, falando de sentimentos, crenças, atitudes passadas no tempo presente; e também o inverso, falando de sentimentos, crenças e atitudes do presente ao recordarem o passado.

Também conflituoso para os entrevistados foi estabelecer uma balança entre passado e presente quanto aos elementos constitutivos desses espaços: fogão a lenha e fogão a gás, lampiões/lamparinas e luz elétrica, medos provocados pelo escuro

¹⁴ GINZBURG, 1989, p. 152.

¹⁵ SEIXAS, 2001, p. 27.

¹⁶ SANTOS, Márcia P. *O campo (re)inventado: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950–1990)*. 2001. Dissertação (mestrado em História) — Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 16.

¹⁷ BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (re)sentimento*. Campinas (SP): ed. da Unicamp, s/d, p. 19.

(assombrações, “almas penadas”, lobisomem, mula-sem-cabeça) e a “imaginação fértil” — como agora são considerados e vistos muitos acontecimentos extraordinários. Em seus relatos, observamos como a concepção de passado e presente foi interpretada — suas experiências positivas e suas frustrações — o quanto foi conflituoso em alguns momentos expor erros, fracassos, pensamentos e atitudes desconsideradas na atualidade, a exemplo de algumas crenças supersticiosas — como diz seu Clemente: *nóis era bobo demais, tinha medo até do assuvio do vento: já achava que era assombração. Ô povo besta, sô!*. Para Portelli,¹⁸ a narrativa consiste em dar significado às experiências vividas, interpretar atitudes, valores e pensamentos, atribuindo-lhes sentimentos.

*[...] narrar consiste [...] em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir [...] a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho [...], [seria] torcer o significado próprio dos fatos narrados.*¹⁹

Assim, as narrativas das fontes não podem ser separadas em subjetividade e objetividade, pois a primeira se refere ao indivíduo e à reconstrução de seu estado de ânimo, e a segunda — a pesquisa histórica e social —, a grupos humanos mais vastos. Consiste a subjetividade na riqueza ao se lidar com a fonte oral: através dessa forma de abordagem, pode-se conhecer o indivíduo, as sociedades de um tempo longínquo, os acontecimentos não retratados pela escrita, o sentimento do entrevistado, suas idéias, expectativas e interpretações dos tempos vivenciados. [...] *a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.*²⁰

O estudo das superstições possibilita ao pesquisador adentrar os modos de vida e as memórias expressas pela oralidade; logo, permite saber como passado e presente e os elementos que os permeiam são pensados por esses sujeitos oriundos da zona rural que se inserem noutra dinâmica, noutro modo de vida e, assim, são levados a reformular condutas, valores e costumes em nome da sobrevivência e da sociabilidade. Eis por que as superstições fascinaram estudiosos como Câmara Cascudo,²¹ a ponto de fazê-lo elevá-las,

¹⁸ PORTELLI, 1996.

¹⁹ PORTELLI, 1996, p.60–61.

²⁰ PORTELLI, 1996, p. 64.

²¹ CASCUDO, Luis Câmara. *Tradição*. Ciência de um povo para o estudo das superstições. São Paulo: Perspectiva, 1972; _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979; _____. *Superstições no Brasil*. São Paulo, Global. 2001; _____. *Folclore do Brasil*. São Paulo: Fundo de

em sua concepção de folclore, ao estatuto de estudo científico, pelo movimento constante da cultura popular brasileira de construir e (res)significar hábitos, costumes e crenças. As leituras de Câmara Cascudo²² suscitaram a indagação necessária para o início da pesquisa, alimento às inquietudes historiográficas que levaram a pensar no que induziu os sujeitos históricos a compartilhar de uma matriz cultural embasada em crenças supersticiosas, elaboradas anonimamente e em tempo desconhecido; porém, com tamanha força motivada pela crença, tendo sua continuidade nos dias atuais por meio da ressignificação.

Que inquietudes, motivações pessoais e coletivas propiciaram a sobrevivência de superstições relacionadas com um tempo distante, mesmo que as pessoas estejam vivenciando modos de vida distintos daquele tempo em que as superstições eram (man)tidas como mecanismo de sobrevivência? A fala dos sujeitos entrevistados nos faz questionar a sobrevivência de inúmeras superstições, sejam elas preservadas em sua totalidade ou recriadas e permeadas de novos sentidos e significados. Os relatos induzem a pensar nas motivações que propiciaram sua continuidade e transformações como identidade cultural remanescente de um tempo passado e vivenciado na zona rural, que se contrapõe à realidade atual, em que o espaço de convivência, experiências e de sociabilidade é outro — é a cidade.

Termos contraditórios, campo e cidade²³ aparecem nas entrevistas como lugares de diferentes modos de vida. Naquele, reconhece-se o atraso intelectual e social; neste, o espaço da realização pessoal, da oportunidade de melhoria de vida. São imagens cheias de significados intrínsecos aos anseios humanos, elaborados e pensados conforme necessidades impostas: a sobrevivência de homens e mulheres em busca de realizações materiais e espirituais.

*Imaginar campo e cidade passou no mundo ocidental desde a Inglaterra industrializada a ser um processo de construir ideais e imagens do que se desconhece e apenas se imagina. Nascem campos pacíficos, bucólicos, cheios de uma graça inocente e ingênua. Nascem cidades de cores brilhantes em sua dinâmica barulhenta e produtiva. Ou nascem campos arredios, atrasados, de jecas barrigudos e indolentes; nascem cidades malignas, territórios da disputa, do descontrolo. Imagens caras a quem sabe que o outro existe, mas o vê através de imagens e nunca através dele mesmo. Mas até que ponto essas imagens criadas sobre campo e cidade não são também desejos, vontades não expressas de desvendar o segredo do que não se domina do que se desconhece.*²⁴

Cultura Brasil-Portugal, 1967; Cf.: _____. *Ensaio da etnografia brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971; _____. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. Etnografia e Folclore. Clássicos. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1983.

²² CASCUDO, 1972.

²³ WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1939.

²⁴ SANTOS, Márcia P. O outro imaginado: concepções ressentidas sobre campo e cidade. *OPSIS — Revista do NIESC*, v. 2, n. 2, jul.-dez./2002, p. 59.

Foi necessário recorrer a outras fontes para aprofundarmos o conhecimento da dinâmica do campo e da cidade catalanos, isto é, foi preciso ler memorialistas locais como Cornélio Ramos, Maria das Dores Campos e Ricardo Paranhos, que não apenas fizeram descrições densas do espaço físico que pesquisamos, mas também apresentaram concepções de rural e urbano, “civilização” e selvageria: elementos pertinentes a esses anacronismos que exprimem as idéias, os anseios e as visões projetistas dos memorialistas. Além disso, a obra deles é considerada pela sociedade catalana — elites, políticos, estudantes — como referência de sua cultura; por isso se tornaram essenciais a pesquisas sobre o sudeste goiano. Jornais locais citam ou usam, como única referência, esses eruditos, que, a seu modo, descreveram Catalão e seus habitantes. Eis por que se mostraram como fontes importantes para este trabalho, para o conhecimento das concepções formuladas sobre fatos históricos ali ocorridos.

Ao discutir as superstições e, com isso, o campo e a cidade, procuramos considerar ambos os espaços como lugares de conflito e lugares que se interagem, se articulam, pois cada um tem uma cultura, isto é, a expressão de dada forma de ser. Nessa variedade cultural, os sujeitos históricos se exprimem, formando corpos culturais²⁵ singulares, pois cada qual tem certa crença, certos valores, certas formas de comunicação entre sujeitos que se identificam em suas regras e normas, transformando seu espaço, suas práticas culturais conforme suas necessidades e seus anseios.

Dito isso, no primeiro capítulo, tratamos da cidade de Catalão, enfatizando a cultura popular, sua elite, suas transformações sociais e mentais estabelecidas pelas dicotomias cidade–campo, ultrapassado–moderno. No segundo capítulo, enfocamos as superstições, os relatos orais e as medidas de implementação do ideal de progresso na sociedade. No terceiro capítulo, abordamos as superstições, discutidas pelo enfoque da memória e da oralidade.

²⁵ ANTONACCI, Maria A. Corpos sem fronteiras. *Projeto História*, São Paulo, n. 25, dez./2002.

Capítulo 1

CATALÃO, ONTEM E HOJE: **mandonismo local, violência e desenvolvimento urbano**

*De Goiás, de Goiás,
Catalão é símbolo de paz.*
— AGUINALDO CAMPOS²⁶

O HINO DE CATALÃO foi escrito por personagens heróicos ligados às famílias tradicionais da cidade. Embora esse hino caracterize a cidade como harmoniosa e civilizada, temos razões para questioná-lo. Não nos cabe discutir a cidade de Catalão pelo viés estatístico, mas pelos discursos veiculados pelas famílias tradicionais, empenhadas, algumas décadas atrás, em dominar a sociedade através da política e que, após o declínio da hegemonia dos coronéis e o apogeu da modernidade, procuram passar a imagem de Catalão que caminha para o progresso e a paz. Assim, neste capítulo, buscamos demonstrar e discutir a cidade de Catalão no que se refere a seu desenvolvimento e sua gente; pensar nas concepções de campo e cidade, ultrapassado e moderno; além de refletir sobre seu desenvolvimento no campo de disputas que ali se instaura.

Em 1866, foram feitas pesquisas mineralógicas, que favoreciam a exploração de jazidas de fosfato, manganês, calcários, chumbo, dentre outros, além de pedras preciosas e ouro.²⁷ A mineração transformou o município, favorecendo sua economia e modificando a sociedade, que via nesse movimento indícios de que Catalão caminhava rumo ao progresso. Além disso, outros fatores influenciaram o desenvolvimento socioeconômico da cidade, tais como a construção e ligação da BR-050 e o plano do governo federal para a plantação de café, que influenciaram os valores, os costumes e os tipos de trabalho:

*A exploração destes minérios vai mudar por completo os destinos de Catalão, trazendo para o município uma mentalidade industrial, alterando seu rotineiro sistema de vida, sua economia e seus destinos administrativos. [...], 3 fatores vão influir muito no futuro de nossa cidade, dando-lhe progresso e desenvolvimento [...]. São [...] a ligação da BR-050, colocando-nos em contato direto com Brasília e os grandes centros econômicos do país [...], a plantação de café em nossa região que favorece a turma da zona rural [...] a exploração de minérios que vai trazer [...] uma mudança radical nos princípios econômicos, sociais e políticos do município.*²⁸

²⁶ CAMPOS, Aguinaldo. *Hino de Catalão (GO)*, escrito em 1959. In: CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão: estudo histórico e geográfico*. 11ª ed. Goiânia: Bandeirantes, 1979, p. 147.

²⁷ CAMPOS, 1976, p. 22.

²⁸ CAMPOS, 1976, p. 22.

Em 1920, a população total de Catalão era de 32 mil habitantes, ocupando o quinto lugar entre as cidades mais populosas de Goiás. Já em 1950, era de 30 mil. Essa diminuição resultou da emancipação de seis municípios. Catalão

*viveu, no passado, uma era de extrema violência, felizmente ultrapassada; no entanto perduram cicatrizes a assinalar como uma mácula o passado da cidade, hoje civilizada, pacífica e progressista, a encantar os viajantes que aqui transitam e que nem de leve sonham com as sangrentas lutas que aconteceram.*²⁹

Buscamos demonstrar as diferenças de modos de agir, pensar e sentir a sociedade catalana, travando um diálogo entre passado e presente, desfazendo-nos de idéias concebidas *a priori* e de posturas etnocêntricas, com base na leitura de memorialistas locais, de pesquisadores e de relatos orais.

Pequena cidade do interior, Catalão, segundo Ramos,³⁰ *deve ter sido fundada em fins de 1722, pelo bandeirante Bueno Filho, e elevada ao status de cidade em 1859. Recebe vários imigrantes, dentre espanhóis, sírios, turcos e portugueses, que perpetuaram a cidade e tornaram a maioria pertencentes à elite da cidade, recheando as memórias e os escritos dos memorialistas. Catalão era conhecida como a cidade de grandes valentões, os chamados “coronéis”, que, por meio do abuso de poder e pela força, dominavam o cenário político e atemorizavam a população com suas ações violentas. A audácia desses políticos e o poder que detinham estavam ligados não apenas aos modos de vida locais, mas também a acontecimentos de âmbito nacional, como a ascensão da República, em 1891, com o colapso do sistema político na transição do Império para a República, diante da impossibilidade de resolver conflitos vindos das transformações sociais e econômicas ocorridas no século XIX.*³¹ Foram várias as dificuldades enfrentadas pela sociedade civil, para assegurar a consolidação do novo grupo dominante ligado ao café, no governo de Campos Sales. *A estrutura política republicana [...], na gestão de Campos Sales, correspondeu ao predomínio dos cafeicultores envolvendo [...] os interesses do café como se fossem os da nação.*³²

O coronel constituía uma das formas de “mandonismo” local, uma figura básica para a manutenção do palco político republicano. Segundo Chaul, é difícil pensar até

²⁹ CAMPOS, 1976, p. 28.

³⁰ RAMOS, 1997, p. 14–17.

³¹ CHAUL, Nash Fayad. Catalão e a política na Primeira República — parte II. In: _____. *História política de Catalão*. Goiânia: UFG, [s/d.], p. 114. (Coleção Documentos Goianos, n. 26).

³² CHAUL, s/d, p. 114.

quando durou o coronelismo em cenário nacional ou regional, pois vemos na história política de Catalão figuras que se enquadram nas características coronelísticas:

*[...] fica a impossibilidade de precisar as fases do processo, e mesmo seu ponto final, de vez que algum tipo de clientelismo, de controle eleitoral através da distribuição de bens públicos e privados, dificilmente deixará de existir em um país que se caracteriza pela pobreza da população.*³³

Dessa forma, os homens que detinham o poder político em Catalão recebiam a alcunha de coronel e, através do mandonismo, faziam com que as pessoas os temessem e realizassem suas ordens (voto de cabresto), tendo suas necessidades supridas por eles.

Em Catalão, nos fins do século XIX, tem-se a formação dos partidos Papo-Roxo e Papo-Amarelo,³⁴ institucionalizados e estruturados, ligados a coronéis locais, como ocorria em todo o estado de Goiás. O primeiro era liderado pelos Paranhos (republicanos); o segundo, pelo Partido Democrata, fundado em 1910.

*O mandonismo local pouco foge à regra geral da política e a prática coronelística em seu reflexo imediato. Era o controle político através da barganha do voto e a violência como forma imperativa, até os anos 40, como requisito básico para controlar o poder.*³⁵

As práticas violentas estão ligadas, segundo os memorialistas Cornélio Ramos,³⁶ Maria das Dores Campos³⁷ e Ricardo Paranhos³⁸, a um modelo de sociedade arcaica, ultrapassada, com formas de pensar, agir e de se relacionar socialmente simplórias e bestiais; estaria ligada à face selvagem do homem, interligada à natureza, relacionada com os animais, as plantas e a rusticidade de práticas e modos de trabalho vinculados ao campo. À medida que a sociedade modifica-se, moderniza-se e progride, as pessoas, suas atitudes e seus pensamentos se tornam civilizados, como se a modernidade abrisse as portas para o conhecimento, outras formas de trabalho e sociabilidade.

³³ CHAUL, s/d, p. 115. Cf.: CARVALHO, José Murilo de. Coronelismo. In: *Dicionário histórico biográfico brasileiro: 1930–1983*. Rio de Janeiro: Forense, v. I. p. 932. Apud CHAUL, s/d, p. 115

³⁴ [...] os partidos políticos eram denominados de acordo com o tipo das carabinas usadas pelos sequazes. Em Catalão havia dois: Papo-Roxo e Papo-Amarelo! [...] De conformidade com as suas armas, que eram lendárias carabinas com coronhas de jacarandá ou [...] de ipê. RAMOS, 1997, p. 62. Cf.: BRASIL, Antônio Americano do. 1892–1932: pela história de Goiás. Goiânia: UFG, 1980. (Coleção Documentos Goianos).

³⁵ CHAUL, s/d., p. 115, p. 126.

³⁶ RAMOS, 1987; cf.: SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem a província de Goiás*. Belo Horizonte, 1975.

³⁷ CAMPOS, 1976.

³⁸ PARANHOS, Ricardo. *Obras completas*. Goiânia: Cerne, 1972.

Entretanto, procuraremos discutir a relação que se estabelece entre campo/ultrapassado e cidade/modernidade em Catalão, para refletir sobre os valores, os costumes, as resistências e as transformações socioculturais, propondo repensar esses espaços como diferenciados e relacionados. O primeiro sinal de que o progresso pairava sobre Catalão foi a construção da Estrada de Ferro de Goiás, ligando a cidade a outras regiões, como o Triângulo Mineiro, São Paulo e, décadas após, Brasília. A construção da ferrovia, na década de 1920, intencionava facilitar a vinda de mineiros e paulistas, para que o plantio do café e a agropecuária tomassem dimensões que integrassem a economia goiana ao mercado nacional.

A marcha do café, em conluio com a ascensão da urbanização e industrialização do centro-sul do país, reorientaram e expandiram as bases econômicas de regiões que estavam interligadas ao processo nacional, como foi o caso de Goiás. A elevação dos preços e a ocupação das terras do centro-sul [...] fizeram que [...]avas e levas de paulistas e mineiros penetrassem no território goiano com o intuito de adquirir terras a preços baixos para desenvolverem a agropecuária.³⁹

Já em 1899, o jornal *Goyaz* considerava que as dificuldades econômicas que o país enfrentava resultavam da falta ou atraso nos serviços ferroviários:

Catalão, pequena cidade hoje em condições de crescer e desdobrar-se pela amenidade de seu clima, abundância e excelência de suas águas, é o entreposto natural do comércio do Norte e Sul de Goiás, nada mais lógico do que o imediato prolongamento, custe o que custar, da linha férrea a esta cidade. Só assim a Companhia ressarcirá os prejuízos que lhe tem dado.⁴⁰

Os políticos e a elite catalana empenhavam-se para que Catalão se tornasse um centro de realizações econômicas, favorecendo seus próprios interesses. Apenas casos isolados eram contrários ao crescimento econômico da cidade, como o de Pedro Ayres:

Segundo João Netto de Campos, [Pedro Ayres] era atrasado ao ponto de não querer o banco do Brasil e o 10º Batalhão do Exército em Catalão, sob a alegação de que as mulheres logo ficariam grávidas dos soldados e o banco só serviria para quebrar as pessoas.⁴¹

A Estrada de Ferro de Goiás iniciou sua construção do trecho de Araguari (MG)–Catalão em dezembro de 1909, com a aprovação do governo federal. Porém, esse trecho foi concluído apenas na década de 1940, por causa da matança dos ferroviários;

³⁹ CHAUL, s/d, p. 115.

⁴⁰ *O Goyaz*, 29 de março de 1899, n. 610.

⁴¹ CHAUL, s/d, p. 121.

isso mostrava, mais uma vez, o poder dos “coronéis” e suas relações de influência, que possibilitavam atitudes atroz, acreditando-se que fazer justiça com as próprias mãos era a forma correta de agir. Em 1915, quando a estrada de ferro ia se estender de Catalão a Ouvidor, houve o conflito entre policiais e ferroviários porque um destes assassinou a amásia do comandante do destacamento policial. Na época, a polícia atuava a serviço dos “coronéis”, razão por que o coronel Isaac da Cunha empenhou-se em punir o criminoso. Os ferroviários resistiram em entregar o companheiro, deduzindo que seria torturado até a morte. Trocaram tiros com a polícia, e um soldado saiu ferido. Os policiais revidaram, armando uma emboscada contra o trem de serviço, repleto de trabalhadores. O saldo foi de 12 mortes instantâneas e 40 feridos.⁴² A violência que acometia a cidade ficou conhecida em outros estados, como foi publicado na *Gazeta de Uberaba*:

*Estamos infelizmente habitando uma terra sem lei e sem justiça, parecendo que este pedaço de terra brasileira pertence à barbárie. Até esta data nem ao menos se deu início ao processo do bárbaro e horroroso assassinato do conceituadíssimo e popular cidadão Major Joaquim de Araújo e Silva. Interrogado a este respeito um dos mandões desta infeliz cidade, por pessoa da família do finado, respondeu que fosse se arranjar com seus amigos políticos.*⁴³

O memorialista Cornélio Ramos escreve sobre a violência:

*Catalão é uma terra que tem secularmente formada uma tradição de crimes dos mais grosseiros e revoltantes atentados à vida, à propriedade e à liberdade, manietada sempre e sempre por um mandonismo ferrenho, tremendo e odioso. Entregue às mãos criminosas de um ajuntamento de imbecis, armados com poderes discricionários do mando político e da autoridade da justiça convertida numa barregã imunda, sem honra e sem brio.*⁴⁴

*Hoje, Catalão transformou-se. Do passado guarda apenas o nome, a tradição, a valentia de seu povo e as três colinas. Tornou-se uma cidade privilegiada, evoluída, culta, a esbanjar progresso: faculdades, escolas, indústrias, modernos meios de comunicação, estradas asfaltadas ligando-a ao Distrito Federal, à capital do Estado, ao Triângulo Mineiro e a todas as cidades circunvizinhas. Está outra, ninguém a reconhece mais.*⁴⁵

As transformações ocorreram em diversos setores, como o social e o cultural, modificando pensamentos, atitudes, valores, aspectos físicos; a cidade deixava de ter aspecto em parte rural para se transformar, modernizando-se, adquirindo destaque em

⁴² RAMOS, 1997, p. 79.

⁴³ GAZETA DE UBERABA, 1º abr./1909. Apud CHAUL, s/d, p. 129.

⁴⁴ RAMOS, Cornélio. Fragmentos históricos de Catalão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, n. 11, 1986, p. 10.

⁴⁵ RAMOS, 1997, p. 99.

Goiás no que se refere à economia e ao aspecto social, com a construção de indústrias e fábricas como a Mitsubishi.

1.1 Catalão pela ótica dos memorialistas: discursos de uma elite

*Abre a terra/ O verde da
Imaginação
Cresce trilhos/ Rasgando cascalho
do sertão
Amarro certeza e vou/ Lembranças
do eu criança
Passo córrego do almoço/ Recordo
Catalão
Segue tempo vai passando /Eu
seguindo
No balanço onde avanço/ Em meio
ao existir
Rugas no rosto marcado/ Trilhos
enferrujando...
— VAZ COELHO ⁴⁶*

Os memorialistas de Catalão registraram acontecimentos considerados como importantes para a memória do “povo” da cidade, para que futuramente fosse possível conhecer sua história, permeada de nomes, datas e fatos relacionados com o predomínio de famílias tradicionais, abastadas de poder aquisitivo e valentia, que mergulharam a cidade em um mar de sangue e a fez conhecida pela violência. Esses escritores pertenciam a famílias tradicionais, como Maria das Dores Campos⁴⁷ e Ricardo Paranhos,⁴⁸ ou possuíam poder aquisitivo, prestígio e respeito entre a elite catalana, como Cornélio Ramos.⁴⁹ Os memorialistas já tinham convicção de que seus trabalhos teriam importância relevante para todos que se propusessem a encontrar em suas obras suporte documental sobre a cidade, como relatou Campos: *Este livro foi escrito com a finalidade de ser útil aos alunos e catalanos que desejam conhecer e estudar o nosso município de Catalão.*⁵⁰

As obras não se valem, na maioria, de pesquisas baseadas em documentação oficial, mas sim no relato oral, em que as próprias pessoas residentes na cidade perpetuaram suas memórias. Retrata-se um revisitar o passado via memória/oralidade, para reconstruir a imagem de cidade violenta, considerando-a um ato de selvageria que impregnou as histórias e acontecimentos que envolviam a cidade, e retratar um novo

⁴⁶ COELHO, Vaz. Trem de ferro. In: _____. *Vultos catalanos*. 2ª ed. 1959, p. 121.

⁴⁷ CAMPOS, 1976.

⁴⁸ PARANHOS, 1972.

⁴⁹ RAMOS, 1997.

⁵⁰ CAMPOS, 1976, p. 9.

tempo, quando o desenvolvimento possibilita novos ares — “civilizados”. Talvez pela visão de que seus escritos seriam lidos e usados como fonte documental por estudantes e outros pesquisadores, tinham os memorialistas a necessidade de citar as atrocidades cometidas, assim como de retratar as modificações ocorridas nesse sentido, refazendo a imagem de cidade do futuro, da modernidade e do progresso, distinta da imagem de selvageria de décadas remotas:

*Apesar das lutas de seu passado, Catalão é hoje uma cidade calma e tranqüila, misturando parte de seu bucolismo do passado, as atividades que surgem com as perspectivas da exploração de minérios e progressos que irradiam de Brasília.*⁵¹

Os memorialistas são considerados pela sociedade catalana como ícones do conhecimento, e suas idéias são divulgadas em jornais, trabalhos escolares e comemorações, como o 20 de agosto, aniversário de Catalão. Suas obras são usadas como portadoras de uma memória social indiscutível sobre a história da cidade. Eles criaram representações da sociedade ao transformar pessoas ou em heróis sociais, responsáveis pelo progresso de Catalão, ou em vítimas da violência política, como Antônio da Silva Paranhos — pai de Ricardo:

*Augusto Netto Carneiro foi um catalano que dedicou toda sua existência a serviço deste município. Nasceu em 6 de agosto de 1866 e faleceu em 7 de janeiro de 1929, nesta cidade. Filho de Pedro Netto Carneiro Leão e de dona Henriqueta Cristina da Silveira Netto. [...] cuidou dos problemas econômicos e sociais. Construiu nosso atual jardim [...] e militou politicamente ao lado do grande e prestigioso líder Alfredo Paranhos.*⁵²

Esse trecho mostra como os memorialistas, representados aqui por Maria das Dores Campos, registraram em suas obras pessoas consideradas como importantes, a exemplo da figura de alguém que ocupou o cargo de Intendente Municipal entre 1927–1929, cujos dois anos de serviço prestados à comunidade são descritos como uma vida inteira de dedicação aos problemas socioeconômicos do município. Essa leitura passa para as futuras gerações, que encontram na obra de Campos a figura de um herói social, merecedor de ter o nome, o cargo que ocupara, suas datas de nascimento e morte registrados por toda eternidade. E assim são vários outros nomes que, segundo os

⁵¹ CAMPOS, 1976, p. 54.

⁵² CAMPOS, 1976, p. 121.

memorialistas, merecem ser lembrados pelas futuras gerações: Wilson Democh, Davi Persicano, Rita Bretas, João Netto Paranhos, Bernardo Guimarães e muitos outros.

As pessoas citadas são reconhecidas, sobretudo, por estarem relacionadas com o progresso da cidade — são comerciantes, intelectuais e políticos que ajudaram a transformar a cidade, implementando e divulgando medidas que permitiam estruturá-la e desfazer o aspecto de campo. Asfalto, energia elétrica, saneamento básico, escolas, postos de saúde, hospitais, médicos foram medidas que atraíram e fascinaram pessoas das zonas rurais, pelas possibilidades de mudanças nas formas de vida de pessoas que estavam destinadas a lidar com a terra, a viver sem estudos, sem o conforto da vida na cidade, e que poderiam ali aproveitar as inovações tecnológicas que faziam surgir a televisão, o rádio, a geladeira, o fogão, o ferro elétrico, que tornam, segundo eles, a vida mais fácil.

*Foi muita dificuldade. Consegui comprá minha geladeira, como eu quiria, via todo mundo teno aqui na cidadi, colocamo todo mundo qui im casa pra trabalhá i consegui us móvi, foi difíci mais veio cum nosso trabaio. Quano nós mudo, num tinha nada, i hoje temo tudo i num sei vivê sem.*⁵³

*Não tem nada melho do que a cidade e tudo o que ela me ofereceu, estudei meus filho, parei de lidá com a lavora, que dava muito trabaio e tem vez que num dá nada e nós corre o risco de inté passá fome. Me aposentei, fico veno TV, ouço rádio. Dá saudade da roça, inda mais quano escuto as música que o povo lá cantava nos dia de festa, de fogueira, o coração inté dói, mais aquilo num é vida não, vida boa é aqui, na cidade. Quano ninguém tinha nada, asfalto, água nos cano, dava pra vivê, mais foi inventá que todo mundo qué tê.*⁵⁴

Os memorialistas não registraram em suas obras a crítica de pessoas como seu Clemente, representante da cultura popular, que buscaram aproveitar o que as transformações sociais podiam oferecer. Essas pessoas não aparecem nesses registros, porém, as mudanças que ocorreram, e que foram aproveitadas por todos, foram escritas, mas pouco detalhadas: a construção da BR-050 e de Brasília e a chegada das mineradoras.

Segundo Campos, o desenvolvimento da cidade deu-se a partir da década de 1970, durante o governo Médici, quando Catalão se desenvolveu graças aos progressos *irradiados de Brasília*, pela sua construção e pelo domínio do governo militar, que

⁵³ ZICA. Entrevista. Catalão (GO), 25/8/2004.

⁵⁴ ROSA, Clemente. Entrevista. Catalão (GO), 23/4/2004. 5 horas.

proporcionou ordem ao país.⁵⁵ Para Ramos, as mudanças decorrem da instalação das mineradoras e do governo Kubitschek.

*[...] a instalação de três importantes empresas mineradoras [...] concorreu para acelerar o desenvolvimento da cidade, impondo um novo surto de progresso, mudando completamente o pacato ritmo provinciano da comunidade. Gente nova, com hábitos diferentes trazidos de outras cidades, possuidora de maior poder aquisitivo, misturou-se com os habitantes locais, valorizando as coisas, modificando costumes, dinamizando tudo. A cidade transformou-se.*⁵⁶

As leituras dos memorialistas seguem esse entusiasmo de que as transformações sociais vinculadas ao progresso modificaram não só o aspecto físico da cidade do interior, mas também atitudes, pensamentos e costumes de uma gente que ainda encontrava nos costumes da zona rural uma forma de vida, pessoas que vieram da roça e cujas casas na cidade tinham terreiro com galinhas e chiqueiro, e continuavam a usar o fogão a lenha, mesmo já possuindo um a gás.

Já Ricardo Paranhos⁵⁷ se difere dos outros dois memorialistas, por relatar em suas crônicas e poemas as atrocidades cometidas pelos políticos. O assassinato de seu pai, o senador Antônio da Silva Paranhos, por causa disputas políticas, tornou o memorialista portador de uma revolta diante das violentas rixas partidárias. Sua obra é mais destinada à narrativa de acontecimentos sobrenaturais do que às transformações ocorridas na cidade, possuindo uma leitura voltada a crônicas saudosistas e críticas à realidade política da época. Paranhos expressava sua credulidade nas circunstâncias misteriosas de muitos casos ocorridos em Catalão e nas cidades vizinhas, retratando-os em sua obra. Acreditava piamente na interferência do sobrenatural sobre a realidade. Por outro lado, o progresso o fascinava, à medida que modificava a cidade, livrando-a de alguns transtornos típicos das comunidades rurais, como os pernilongos,⁵⁸ que ganharam uma crônica repleta de críticas às casas típicas de comunidades rurais, que insistiam em criar porcos, os quais atraíam insetos indesejáveis.

Ramos e Campos descrevem o início da cidade, desde a passagem do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva até a cidade ser prestigiada com este título, no dia 20 de agosto de 1959. Consideram o passado da cidade como algo glorioso, que trouxe civilidade a esta terra, desconsiderando as atitudes hostis contra os índios nativos

⁵⁵ CAMPOS, 1976, p. 122.

⁵⁶ RAMOS, 1997, p. 30.

⁵⁷ PARANHOS, 1972.

⁵⁸ PARANHOS, 1972, p. 119.

da região: *Em 3 de julho de 1722 saiu de São Paulo, Bartolomeu Bueno da Silva com destino a região onde se localizavam os índios “Guayazes” a fim de escravizá-los e arrancar riquezas da terra.*⁵⁹ Mesmo assim, o bandeirante é tido como herói, por ter fincado nessas terras a cruz do Anhangüera (exposta na cidade de Goiás desde 1916),⁶⁰ dando início a um povoado que se tornaria a “civilizada” Catalão, como podemos observar no hino escrito em homenagem ao centenário catalano:

*De um passado glorioso desperta/ Catalão vem viver o esplendor/ Tua história, teus filhos em festa/ Querem hoje cantar com ardor/ Terra altiva de encantos escóis/ Na lembrança dos teus viverás/ Foste terra de doutos e heróis/ Catalão, Atenas de Goiás/ De Goiás, de Goiás/ Catalão é símbolo de paz (bis)/ Quando em sonhos partiu Anhanguera/ No afã bandeirante de então/ Como marco deixou nesta terra/ Uma cruz a brilhar na amplidão/ E da luz desses raios vivemos/ Numa fé mais ardente e viril/ Esperando que um dia veremos/ Catalão, orgulho do Brasil/ Do Brasil, do Brasil/ Catalão é terra varonil (bis).*⁶¹

Essa cidade encantada, porém, existiu mais como projeção, representação futurística de uma Catalão que gostariam de ter, do que como a cidade realmente era.⁶² Em gera, os memorialistas criaram personagens heróicos pertencentes a uma elite tradicional; elaboraram a projeção de uma cidade que almejavam ter uma Catalão moderna, progressista, de uma gente valente e heróica, como seus antepassados bandeirantes. É a história de uma cidade que não poderia dar errado, pois seu passado foi de glórias, e o futuro não poderia ser de outra forma. Assim, observamos, nos jornais catalanos, nos discursos políticos e nas narrativas memorialísticas, todos pós-período de violência, que Catalão renasceu e civilizou-se. Dessa forma, vemos um nítido contraste entre a concepção de cidade e modernidade em contrapartida à zona rural, concebida como atrasada social e culturalmente, não fazendo parte da gloriosa cidade. Esta se desenvolveu, progrediu, distanciando-se do aspecto de campo, em uma concepção evolucionista — o homem natural, ligado à natureza, desprovido de inteligência intelectual, gradativamente se tornaria um homem intelectual, residente na cidade, lugar de oportunidades e do desenvolvimento.

Buscamos, por meio das obras dos memorialistas locais, descrições da cidade que nos possibilitassem realizar a leitura de Catalão — descrições físicas, sua gente — através de seus olhares. Porém, foram raras as descrições encontradas, e na maioria das

⁵⁹ CAMPOS, 1976, p. 31.

⁶⁰ CAMPOS, 1976, p. 32.

⁶¹ Apud CAMPOS, 1976, p. 147.

⁶² SANTOS, 2001.

histórias elas passam despercebidas ante a preocupação com demarcar as oposições entre cidade pacata ou selvagem *versus* progresso merecido ou destruidor. É o caso da história sobre a “A louca do morro da saudade”,⁶³ que diz o seguinte:

*No tempo de antigamente, isto é, há uns quarenta ou cinquenta anos atrás, o morrinho de São João jazia tranqüilo, sozinho, no meio da campina, sem o burburinho atualmente promovido pelo progresso, sem nenhuma casa ao seu redor, somente a capelinha no seu cume e um grande cruzeiro de madeira bem em frente.*⁶⁴

Ramos descreve o morro da Saudade, ou morro de São João, por volta da década de 1950, quando não havia tantas casas ao seu redor. Em razão da expansão da cidade e do crescimento desenfreado do progresso e da miséria, surgiram em volta do morro casas, na maioria precárias, e uma grande concentração de marginais, que constantemente vitimam o próprio morro e destroem o patrimônio público, mesmo com a presença constante de um vigia. Além disso, o morro está hoje com sua fisionomia lírica um pouco distorcida, por causa da construção irregular de moradias em redor e, em seu cimo, da instalação da torre repetidora de televisão.⁶⁵

O autor descreve o “progresso” que transformou, segundo ele, *o alto da colina em um grande terraço*,⁶⁶ o morro das Três Cruzes. Antes da construção da estação rodoviária, hoje desativada, e da construção de residências, o morro era *uma colina deserta, assentada em campo completamente despovoado e bem distante do centro da cidade [...] que nas primeiras décadas deste século, se agrupava apenas às margens do ribeirão Pirapitinga*.⁶⁷ Para Ramos, a cidade se desenvolveu muito, e o morro foi engolido por tantas casas residenciais. Em 1977, o tradicional morrinho sofreu parcial destruição em nome do progresso: máquinas demoliram seu cume, levando consigo as três cruzeiras, para a construção da rodoviária; o morro passou, então, a ser denominado de Terminal Rodoviário, o que, para o autor, representava *o progresso que avançava*.⁶⁸ Outras cruzeiras foram colocadas tempos depois, dada a lamúria da sociedade.

⁶³ RAMOS, 1997, p.176.

⁶⁴ RAMOS, 1997, p.176.

⁶⁵ RAMOS, 1997, p.120.

⁶⁶ RAMOS, 1997, p. 124. Contam os antigos que o morro recebeu esse nome devido a um episódio trágico. Havia ali o cemitério dos Anjos, onde eram enterradas, em geral, crianças pagãs; uma menina de cerca de seis anos foi enterrada viva, após sofrer um ataque de catalepsia. Seus pais chegaram a essa conclusão após conversarem com pessoas mais esclarecidas. O remorso foi tamanho, que mandaram implantar na sepultura da menina uma grande cruz de madeira. Nesse morro, segundo o autor, anos depois um pároco mandou colocar outras duas cruzeiras, simbolizando Cristo e os dois ladrões.

⁶⁷ RAMOS, 1997, p. 124.

⁶⁸ RAMOS, 1997, p. 126.

Nas histórias das colinas, a chegada do progresso é vista como destruição de símbolos da cidade e da história de sua gente. Em seguida, a construção da praça onde antes só havia um terreno baldio é vista como avanço. Porém, a praça não destruiu os lugares de memória⁶⁹ da sociedade catalana, como ocorreu nos morros da Saudade e das Três Cruzes. A memória coletiva constrói monumentos que remetem ao passado, do que deve ser lembrado, símbolos imbuídos de significação, como os morros, monumentos ou “*monumentum*” é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação.⁷⁰

Onde se situa a praça Duque de Caxias, segundo Ramos, na década de 1950 havia um enorme terreno baldio, com um grande barracão tosco, que servia como sede do Tiro de Guerra. Ao seu redor, havia prostíbulos, um deles muito famoso, comandado por Maria Fernandes e freqüentado pela elite.⁷¹ Atualmente — descreveu Ramos —, a praça está florida e ajardinada.

As pessoas de Catalão são descritas por Cornélio Ramos vinculadas à noção de passado e presente, ou seja, estão divididas em grupos: violentos e selvagens coronéis do passado; pessoas heróicas (intelectuais, elite), tanto do passado como do presente. O povo comum quase não é citado nas narrativas. Na descrição das pessoas podemos perceber a descrição da cidade. Em meio à cidade parca de recurso, privada de ambiente cultural e carente de toda espécie de lazer,⁷² se projetam em 1859

*quatro intelectuais importantes, cavalheiros que ficaram [...] vinculados indelevelmente a nossa história: o Deputado Antônio da Silva Paranhos, originário do Rio de Janeiro, [...] o juiz de Direito Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, mineiro de Ouro Preto [...], o padre Luiz Antonio da Costa [...] e o poeta Roque Alves de Azevedo.*⁷³

Essas pessoas vieram residir em Catalão quando a cidade não tinha luz elétrica, cinema, rádio, clubes sociais, ou seja, quando era a pacata sertaneja comunidade catalana.⁷⁴ Outras pessoas ficaram conhecidas por suas atitudes violentas e selvagens, restritas a um tempo passado, o tempo da violência, na Catalão de “antigamente”, sem os ares civilizados de a partir dos meados da década de 1950.

⁶⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992. Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990, p. 55–89.

⁷⁰ LE GOFF, 1990, p. 53.

⁷¹ RAMOS, 1997, p. 128.

⁷² RAMOS, 1997, p. 52.

⁷³ RAMOS, 1997, p. 52.

⁷⁴ RAMOS, 1997, p. 52.

Maria das Dores Campos segue a concepção de Ramos de cidade-passado de selvageria e presente de intelectualidade, progresso e modernidade. Porém, dá mais descrições da cidade de Catalão e seu “processo evolutivo”. Mas, em sua maioria, as transformações e inserção de instituições estão voltadas às elites e famílias tradicionais. São vários os nomes citados ligados à elite: Americano do Brasil, pesquisador, Luiz Ramos de Oliveira Couto, juiz de direito, Randolpho Campos, advogado e jornalista. São nomes, dentre vários outros, que fizeram parte das transformações históricas de Catalão, contribuindo para um bom feito ou impedindo tal feito de acontecer, segundo Campos.⁷⁵ A autora descreve a tentativa de Randolpho Campos para que a cruz do Anhangüera, marco histórico da cidade, não fosse transferida para a capital — à época, a cidade de Goiás —, em 1916:

*Na ocasião de se retirar a cruz, houve forte campanha entre aquele Juiz de Direito [Luiz Ramos de Oliveira Couto] e o Sr. Randolpho Campos, advogado e jornalista, homem de grande cultura [...]. Nesta ocasião dominava a política estadual os “Caiados de Castro”, dos quais Randolpho Campos era adversário político, e o povo catalano, confundindo sua luta patriótica e heróica em pugnar ardorosamente pela conservação do marco histórico, como se fosse uma questão política, não lhe deu a devida atenção e apoio moral, deixando o grande catalano, lutar sozinho.*⁷⁶

O povo catalano, que não lutou com Randolpho Campos para que não fosse retirada da cruz do Anhangüera, foi caracterizado pela autora com certa imbecilidade e ignorância, por não aderir à causa em comum e não entender o gesto heróico de um grande catalano, que lutou sozinho. Houve festa no transporte da cruz para a capital, e Randolpho Campos, segundo a autora, disse que o povo deveria era chorar, e não festejar o roubo de sua documentação histórica. A autora diz ainda que *suas palavras não foram ouvidas e nem entendidas, porque o povo em sua ignorância não compreendeu o significado daquele ato.*⁷⁷ Randolpho Campos descreveu a chegada dos bandeirantes à região: *Da comitiva fazia parte também a figura varonil de um espanhol.*⁷⁸ Os heróis, para Campos, tiveram a ousadia de enfrentar o desbravamento do cerrado e a selvageria dos índios nativos, a fim de trazer civilidade, dando a possibilidade de Catalão ser o que

⁷⁵ CAMPOS, 1976, p. 32.

⁷⁶ CAMPOS, 1976, p. 32.

⁷⁷ CAMPOS, 1976, p. 35.

⁷⁸ CAMPOS, 1976, p. 32.

é hoje: terra de fartura e abundância de minerais, privilegiada por sua localização e sua gente. Com um início tão grandioso, não poderia dar errado.⁷⁹

A autora descreveu as primeiras famílias que chegaram para povoar a cidade, pessoas que logo estavam dominando o cenário político da região ou construíram comércios. A família João Margon, que veio da Áustria, foi dona das primeiras indústrias (charqueadas, curtumes, frigoríficos, marcenarias) e liderou na política. Vieram os senhores Hugo Righetto e Julio Pascoal, italianos, e em seguida chegaram os espanhóis e sírios, como Abrahão André, Esperidião, Sebba e Abdon Salles, o primeiro representante da agência Ford no estado; a família Fayad, Nicolau Abrão, Safatle, pessoas *cujos descendentes são comerciantes, fazendeiros ou com profissões liberais, fortes esteios do progresso de Catalão*.⁸⁰

A leitura de Campos conta a história de famílias tradicionais e da elite catalana que, aos poucos, mudaram o cenário da cidade, com a construção de comércios, escolas, cinemas e indústrias. Já o poeta e memorialista que mais conquistou nossa simpatia, Ricardo Paranhos, por mais que não tenha em suas crônicas citado pessoas comuns, não cita tantos nomes ligados às elites como Ramos e mais ainda Campos. Pessoas como Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, André Augusto de Pádua Fleury (juiz municipal) encontram-se na narrativa de Paranhos, que destinava pouco espaço a façanhas e atributos de pessoas que, para a maioria dos memorialistas, eram os responsáveis pelo progresso, crescimento e a “cultura” do povo catalano. Além disso, ressalta o autor que encontrar essas pessoas ali era surpresa para ele, pois a cidade não tinha atrativos, estava distante dos grandes centros e, mesmo assim, possuía pessoas de muito valor e renome.⁸¹ Paranhos propõe-se mais a “desabafar” o assassinato de seu pai, coronel Antônio da Silva Paranhos, escrevendo seu repúdio pelas disputas políticas na cidade, e a escrever poemas voltados à saudade de Catalão, quando se encontrava ausente da cidade — poemas com certa tonalidade cômica e crítica.

Dessa forma, os memorialistas, por mais que carreguem consigo características e discursos em comum, ligados às elites e famílias tradicionais, também se distinguem em suas narrativas, na forma como lidam com a história da cidade e de sua gente. Uns, como Maria das Dores Campos, exaltam a grandeza de homens que, vindos de terras distantes, na cidade fincaram os pés, produziram riquezas, recursos e comércio para a

⁷⁹ CAMPOS, 1976, p. 36.

⁸⁰ CAMPOS, 1976, p. 47–48.

⁸¹ PARANHOS, 1972, p. 380.

cidade. Além disso, a obra de Campos tem caráter mais descritivo da cidade, a fim de que estudantes pudessem encontrar em sua narrativa os fatos que, segundo a autora, são relevantes para serem abordados sobre a cidade. Cornélio Ramos segue os princípios de Campos, porém com um olhar mais abrangente sobre a cidade, seus acontecimentos e suas narrativas, além de escrever muitos poemas que tratam de temas como amor, saudade, mocidade e velhice. Por último, Ricardo Paranhos, defensor das forças sobrenaturais, traz em suas narrativas, mesmo que implícitos, o povo e suas crenças, as superstições, em meio ao desenvolvimento social e intelectual que o progresso concedeu à cidade.⁸² Para esse autor, o subjetivo e a realidade se entrecruzam, dialogam, as forças ocultas dominam a esfera do real. Nisso encontra-se o povo e seus credos, a cultura da zona rural, dos menos endinheirados, dos “roceiros”, porém, de uma capacidade de criação e re-criação dos valores e costumes de seus antepassados que ganharam a confiança e a admiração de um dos memorialistas e poetas mais respeitados em Catalão.

1.2 Tentativas de modificar Catalão: decretos da prefeitura

Através dos decretos expedidos pela prefeitura de Catalão, podemos observar as tentativas da elite tradicional catalana de modificar o espaço físico da cidade e, como consequência, os pensamentos, as atitudes e as idéias da população. São medidas tomadas a fim de modificar o comportamento das pessoas em sociedade e a vida privada dos indivíduos através de leis implementando saneamento básico, higienização das ruas e quintais. Caso as medidas fossem descumpridas, a população pagaria multas de acordo com a infração cometida. Entretanto, o tempo dado para que as modificações fossem feitas em muitas atas foi prolongado, na tentativa de efetivarem as medidas expedidas. As atas são datadas de 1937 a 1939.

[...] ficam todos os proprietários dentro da zona urbana, que tenham em seus quintaes pés ou touceiras de banana, intimados a mandar arrancá-las até o dia (10) de janeiro próximo entrante e depositá-las na rua onde o caminhão da Prefeitura fará a remoção para local apropriado, sob pena desse trabalho ser executado por esta Repartição e acrescido de mais vinte por cento (20%).⁸³

⁸² PARANHOS, 1972, p. 387.

⁸³ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 1*, 13 de dezembro de 1937.

Catorze dias depois, outro edital foi expedido, a fim de que a população da zona urbana arrancasse de seus quintais pés e touceiras de bananeiras, usadas na zona rural para defecação, hábito que estava sendo praticado também na zona urbana:

*[...] atendendo ao tempo chuvoso destes últimos dias que vem impedindo todo e qualquer trabalho fica prorrogado para até o dia 9 (nove) de fevereiro do ano de 1938 [...] que manda aos Srs. proprietários dentro da zona urbana arrancar de seus quintais bananeiras ou touceiras de bananeiras que nos mesmos houver.*⁸⁴

Como a exigência da prefeitura não deve ter sido atendida de forma efetiva, outro edital foi expedido, acrescido de outras normas que deveriam ser acatadas: [...] o prazo para extinção dos bananais existentes nos quintais da zona urbana foi prorrogado para 10 dez de março próximo vindouro.⁸⁵ Além de:

*[...] os autores (quando menores, seus pais ou responsáveis) de arrancamento de piquetes fincados nas ruas da cidade pelo Engenheiro Max Bohn serão multados em cem mil réis, elevada ao dobro em caso de reincidência, além das despesas que se efetuarem para novo serviço. Fica proibido colocar-se cadeiras nos passeios, ainda que paralelamente às paredes. Multa de 10 mil réis.*⁸⁶

Outra vez o prazo para arrancarem as bananeiras ou touceiras fora estendido. Além disso, outras leis demonstram que havia um plano de modificação da cidade em seu aspecto físico, arborizando-a e com os passeios ou calçadas livres de cadeiras onde as pessoas sentavam-se para conversar. Em muitas entrevistas, podemos notar a ausência de pessoas sentadas nas portas das casas para conversar, considerando essa prática pertencente a um tempo passado, quando as pessoas eram amigas umas das outras e tinham tempo para pôr a conversa em dia:

*Antigamente era bão demais, as pessoa conversava, num tinha má querência uma cas otras, todo mundo era amigo, ficava até noitinha na porta das casa vendo us minino brincá. Quando num era nas porta, era nas cuzinha das casa, vivia cheia, o café podia fica esquentano o tempo todo no fogão, sempre chegava mais um. Nós vivia assim desdi lá da roça, só que lá num sentava nas cadeira, e sim nas fogueira e na cozinha ao redó do fogão de lenha. Num tinha violência, num tinha TV, num tinha novela, num tinha ladrão. Era muito mió que hoje, nós cunversa é pelas grade, antes da novela começá, e sempre tem má querência.*⁸⁷

⁸⁴ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 4*, 27 de dezembro de 1937.

⁸⁵ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 8*, 9 de fevereiro de 1938.

⁸⁶ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 9* de fevereiro de 1938.

⁸⁷ QUIRINO, Mariana. *Entrevista*. Catalão (GO), 1º/10/2003 e 4/7/2005. 4 a 5 horas

Retirando as cadeiras dos passeios, as pessoas não se sentariam mais às portas para conversar, e esse costume “antigo” iria se perdendo, confinando as pessoas dentro de suas casas. Não importa se a conversa seria diante de uma fogueira, do fogão a lenha ou nos passeios da zona urbana, o convívio entre as pessoas era o fator determinante, e na atualidade não existe mais. O costume em questão fica relacionado com um “tempo vencido”,⁸⁸ um tempo passado e sem retorno, com características que se distinguem do tempo presente, como a convivência entre as pessoas.

Porém, outro edital foi expedido, reconsiderando as cadeiras nos passeios, desde que estivessem bem rentes às paredes: [...] *devendo porém as cadeiras serem colocadas paralelamente às paredes para não impedir o trânsito pelas calçadas ou passeios.*⁸⁹ A mudança imposta pela prefeitura estava em desacordo com os costumes das pessoas, que resistiram em modificar a prática do convívio, tendo a medida de ser reconsiderada, pois os moradores não viam a necessidade de modificar esse costume rotineiro, nos dias atuais modificados mediante a violência e a outros entretenimentos, como a televisão e a internet, como foi dito por Dona Mariana. Outras medidas foram tomadas, a fim de transformar o cenário de Catalão em local limpo, arborizado, civilizado, destoadado das práticas vindas da zona rural, que insistiam em ser mantidas na zona urbana, como a criação de porcos e galinhas, as bananeiras, os amontoados de lenha, dentre outros.

*[...] ficam concedidas quarenta e oito (48) horas de prazo para a retirada de porcos existentes dentro do perímetro urbano e a conseqüente limpeza de locais onde eram os ditos animais conservados, sob pena de apreensão dos mesmos, além de multas por parte desta Repartição e do Serviço Sanitário do Estado, a cujo Departamento dar-se-á, pelos meios legais, imediato conhecimento de tão grave infração ao Regulamento de Higiene Pública.*⁹⁰

E ainda:

*[...] os animais que forem encontrados soltos nas ruas da cidade serão apreendidos e recolhidos ao depósito municipal de onde poderão ser retirados mediante o pagamento da multa dez mil réis. Caso não sejam procurados dentro do prazo de cinco dias da apreensão serão vendidos em hasta pública como bens de evento.*⁹¹

⁸⁸ LIMA, Nei Clara de. O separado que une. *Caderno de pesquisa do ICHL Ciências Humanas*. Série Estudos Antropológicos, n. 2, 1992, p. 29.

⁸⁹ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 14*, 31 de dezembro de 1938.

⁹⁰ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 2*, 20 de dezembro de 1937.

⁹¹ CATALÃO. Prefeitura municipal. *Edital n. 5*, 10 de janeiro de 1938.

Em curto espaço de tempo (1937 a 1939), tantas e variadas medidas foram tomadas para transformar a cidade e os costumes de sua população; era um amontoado de medidas que deveriam ser acatadas rapidamente, em desacordo com os modos de vida desses sujeitos, como fala dona Rosário:⁹²

uma vez falaro pra mim que eu num podia criá meus porquinho aqui no meu quintal, eu briguei dimais, xinguei, desmontei chiqueiro, montei di novo inté que eles lá da prefeitura levaro meus porco, nunca vi isso, sempre todo mundo criô esses bicho e ninguém nunca morreu di duença niuma, lá na roça, os minino só fartava muntá im cima deles e ninguém morreu. Fede dimais, mais será que o povo da cidade num tem us nariz acostumado qui nem os nosso lá da roça?

As pessoas que saíram do campo e foram residir na cidade, por mais que estivessem em outro espaço social e com outro modo de vida, implantaram os mesmos costumes praticados durante o tempo em que residiram na zona rural, em desacordo com os ideais de progresso que estavam sendo implantados pelos políticos e pelas elites tradicionais. Outras medidas enérgicas foram tomadas com relação ao saneamento básico, tendo as pessoas que depositarem o lixo de forma adequada de frente às casas, pois haveria o recolhimento pelo caminhão de lixo da prefeitura para manter a cidade limpa.

*[...] fica terminantemente proibido atirar lixo na rua, em terrenos baldios ou em quintais, bem como a consideração digo conservação [sic.] de animais mortos ou qualquer detritos nos quintais, sob pena da multa de 20\$000 e do dobro em caso de reincidência. Às terças, quintas e sábados o caminhão de lixo percorrerá todas as ruas da cidade, recolhendo o lixo, o qual deverá estar depositado em vasilhas, nas portas ou portões. Quando da limpeza de quintais os proprietários deverão, com prévio aviso a esta repartição, amontoar o lixo de modo a facilitar a remoção e a não interromper o trânsito e o livre curso de enxurrada nas sarjetas.*⁹³

A cidade adquiria outro ritmo, ganhava ares de civilidade e higienização. Pouco a pouco, as pessoas inseridas nesse novo universo cultural apropriam-se dos modos de vida da cidade, modificando suas moradias, suas necessidades e adquirindo desejos, anseios, necessidades, conforme a dinâmica do espaço inserido.

⁹² ROSÁRIO. Entrevista. Catalão (GO), 30/9/2003 e 25/7/2005. 8 horas.

⁹³ CATALÃO. Prefeitura municipal. Edital n. 6, 10 de janeiro de 1938.

1.3 O moderno e o ultrapassado: medidas de implementação do ideal de civilização através de periódicos

Recorremos a jornais catalanos de diferentes períodos históricos para analisar como se deram as transformações socioculturais em sua busca constante por modificar os pensamentos, os comportamentos e a estrutura física da cidade. Podemos notar que os jornais eram um meio de se fazer chegar as idéias, os pensamentos, os discursos políticos progressistas, vinculando matérias sobre os personagens políticos, intelectuais pertencentes a famílias tradicionais, em um universo destoadado da maioria da população, sobretudo os iletrados, a quem se faziam chegar as notícias e discursos através da oralidade, das conversas nas ruas, nos bares, na missa, com as influências de valores a serem perpetuados pela sociedade burguesa.

Dessa forma, os jornais tinham por função a propagação e divulgação de idéias, em geral, ligadas à demonstração das transformações sociais, do progresso, das mudanças que refletiam em toda a sociedade, abrangendo vários assuntos: nascimentos, falecimentos de pessoas pertencentes à elite, valores educacionais e familiares, relacionados com a saúde, dentre outros. Foram vários os jornais fundados em Catalão, geralmente dirigidos por intelectuais, como Randolpho Campos, pertencentes a famílias tradicionais, que tinham na política assunto muito repercutido. O jornal *Goiás e Minas*,⁹⁴ fundado em 1900 e extinto quatro anos depois, *deu muita publicidade aos acontecimentos sociais e políticos de Catalão*.⁹⁵

⁹⁴ CAMPOS, 1976, p. 61.

⁹⁵ CAMPOS, 1976, p. 62.

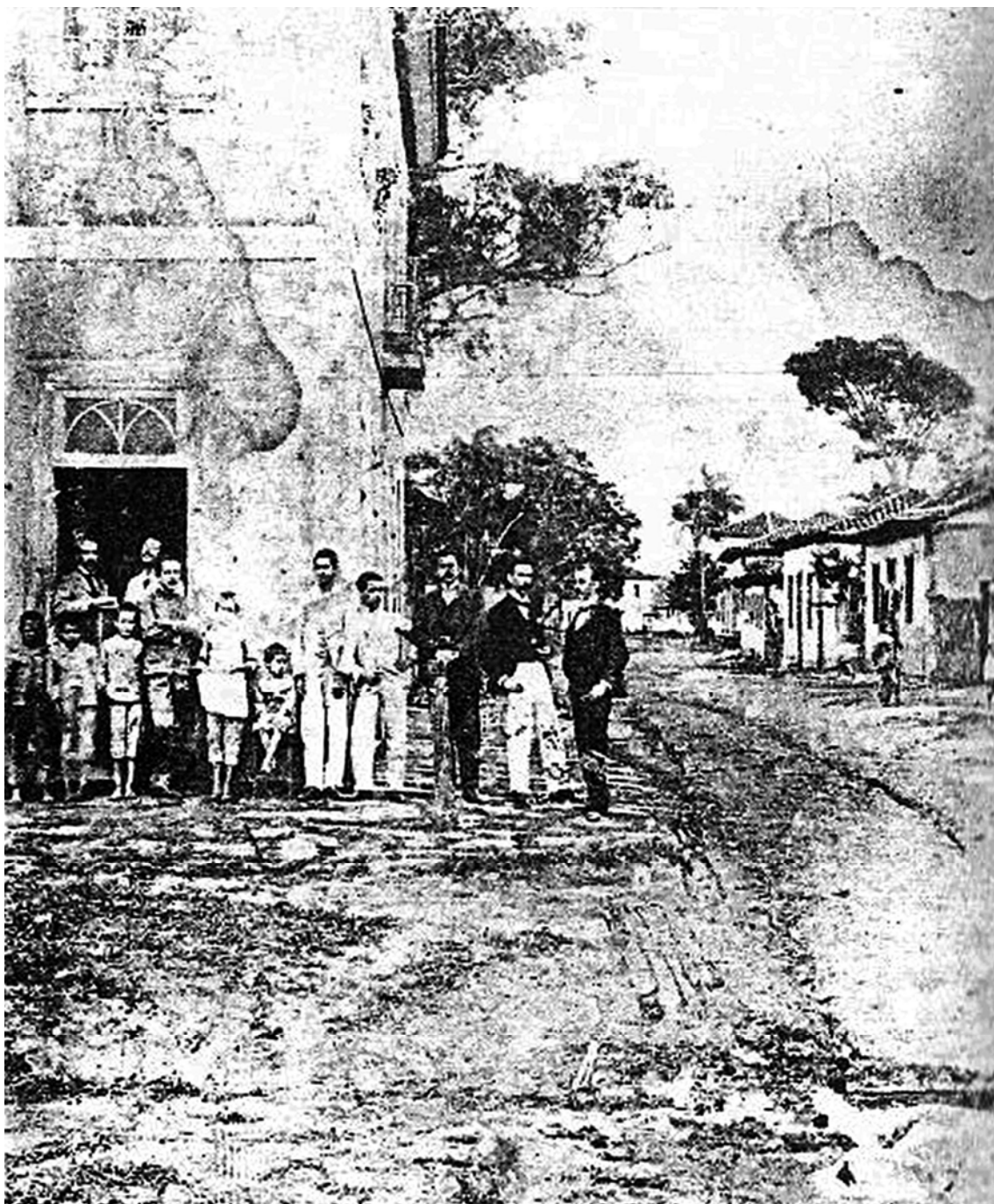


FIGURA 3 – Em frente à tipografia do jornal *Goiaz e Minas* — Da esquerda para direita: 1) Randolpho Campos; 2) Francelino Franklin Ferreira; 3) Teobaldo Aires da Silva: (menino); 4) João Leal; 5) Lourival Álvares de Campos (menino com jornal nas mãos); 6) criança assentada; 7) desconhecido; 8) Álvaro Paranhos; 9) Absaí de Andrade; 10) Tomé Paranhos; 11) Ricardo Paranhos
Fonte⁹⁶

⁹⁶ CAMPOS, 1976.

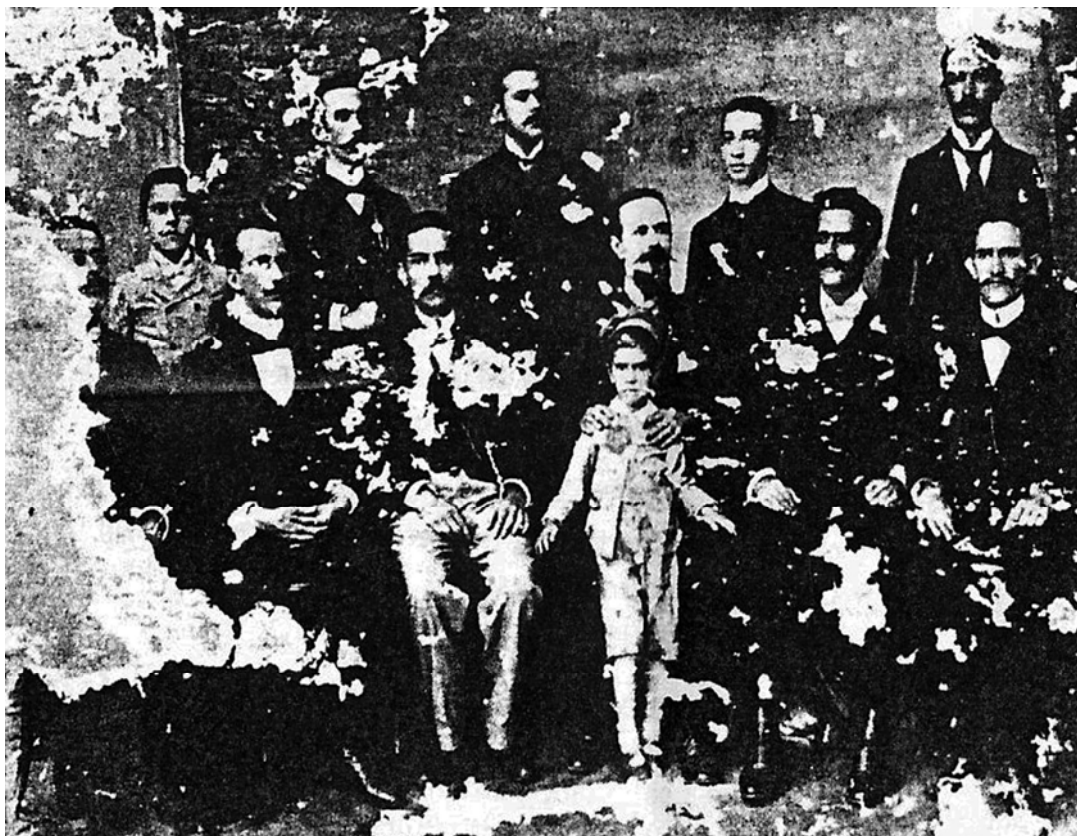


FIGURA 4 – Corpo técnico e administrativo do jornal *Goiáz e Minas* — Em pé, da esquerda para direita: 1) Lourival Álvares de Campos (menino); 2) Tomé Paranhos; 3) Absaí de Andrade; Teobaldo Aires da Silva: (menino); 4) Álvaro Paranhos; João leal; 5) Randolpho Campos — Sentados: 1) Francelino Franklin Ferreira; 2) Ricardo Paranhos; 3) não identificado; 4) Mestre Quincas (com seu filho); 5) Dr. Bretas; 6) Cristiano Victor Rodrigues
Fonte⁹⁷

Ao todo, foram 35 jornais: o primeiro, *Goiás e Minas*, de 1900; o último, registrado pela Agência Municipal de Estatística, foi *A voz do sudoeste*, em 1976, que substituiu *O catalano*. A maioria era politicamente partidária, como o *Anhangüera*, de 1918, destinado à literatura e à política. Porém, tinham também o intuito de recriar, ou melhor, corrigir práticas consideradas antigas e errôneas, calcadas na zona rural, a fim de ensinar à população os corretos procedimentos a serem tomados, sobretudo quanto à saúde pública. No jornal *Catalão*,⁹⁸ eram divulgadas notas para proteger a população das crendices e “insanidades” herdadas de pais e avós, em especial com relação às crianças, cuja grande porcentagem nascia das mãos de parteiras. Eram divulgadas medidas consideradas corretas pelo Departamento Nacional da Criança, orientando as parteiras sobre os cuidados que deveriam ser tomados durante e após a gravidez e o

⁹⁷ CAMPOS, 1976,

⁹⁸ CATALÃO. 30 de agosto de 1944, ano 1, n. 12.

parto. As parteiras poderiam ser proibidas de exercer tal função, pois os médicos institucionalizados faziam uso de procedimentos considerados por eles como corretos.

Porém, podemos observar que as parteiras eram orientadas, em vez de proibidas, a fazer partos, dada a escassez de médicos profissionais. Eram regulamentadas pelos médicos e orientadas a lavar, escovar e desinfetar as mãos, usar avental, chamar o médico em casos graves e registrar os recém-nascidos:

Deveres das parteiras e curiosas

*Só atender a casos normais. Chamar médico parteiro nos casos difíceis ou de extrema demora. Notificar à autoridade competente os casos de infecção puerperal, tétano e oftalmia dos recém-nascidos. Comunicar o nascimento da criança ao Cartório de Registro Civil.*⁹⁹

Outras medidas recomendavam aos pais novos valores e condutas morais a serem aplicados à família. Os jornais se dedicavam, também, a incentivar as mães a procurarem apenas o médico para esclarecer dúvidas, a não seguir orientações de amigas e parentes e a saber o momento certo de introduzir outros alimentos além da amamentação:¹⁰⁰ *Na ocasião do parto, o marido não deve afastar-se de casa, mas ao contrário ficar a postos para as inúmeras tarefas que ele pode ser útil e para animar a sua companheira e cuidar dos outros filhos e da casa.*¹⁰¹ Direcionada aos pais de família, a medida estava de acordo com a necessidade das mães, que precisavam do apoio do “cabeça do lar”, mas desagradava a esses homens, que receberam uma educação na qual as tarefas domésticas — cuidados com lar, filhos e esposa de resguardo — não são parte de suas obrigações, como narra dona Mariana:

*Toda vez que nós ganhava nenen, minha mãe ia ajudá, nós se apegava às simpatia, aos cuidado do povo antigo, num podia lavá a cabeça, a cumida tinha qui cê ispecial, só mãe pra 'judá, meu marido caía na farra, falava qui tava cumemorano cuns cumpadi i quano fui sabê, ele tinha feito um bastardinho cum minha cumadre, num quiria nem sabê se tava morta o viva cum nenen.*¹⁰²

A proposta dos médicos estava em desacordo com o modo de vida das pessoas de Catalão, de vida interiorana, consideradas por muitos como ignorantes e desprovidos de intelectualidade, distante dos “novos tempos”, o tempo da modernidade, do progresso tanto social quanto intelectual, que se propunha a modificar valores,

⁹⁹ CATALÃO. 30 de agosto de 1944, ano 1, n. 12., p. 3.

¹⁰⁰ Jornal *Catalão*. Catalão, 30 ago. 1944, n. 12, ano 1. Boletim da Prefeitura Municipal de Catalão. p.3.

¹⁰¹ Jornal *Catalão*. Catalão, 30 ago. 1944, n. 12, ano 1. Boletim da Prefeitura Municipal de Catalão. p.3.

¹⁰² Entrevista com dona Mariana, idade, 24 jul. 2004, Catalão-GO.